

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

RAFAEL GOULART PORTO

**O BODYBOARD COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

**VITÓRIA
2023**

RAFAEL GOULART PORTO

**O BODYBOARD COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof.^o Dr. Edson Castardelli

VITÓRIA

2023

RAFAEL GOULART PORTO

**O BODYBOARD COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Aprovado em _____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Edson Castardelli
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Danilo Sales Bocalini
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Ubirajara de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo

*Dedico este trabalho a todos(as) os(as)
Bodyboarders que sonham em ver o
esporte num melhor cenário mundial.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que me deu força e sabedoria para não desistir enquanto estive na graduação. Sem Ele nada seria possível.

À minha mãe, que acompanhou toda jornada e sempre me incentivou a continuar, além de compartilhar dos diversos momentos de dificuldade e ser minha base de suporte.

Ao meu pai, que sempre me incentivou no meio esportivo e acadêmico, fazendo com que meu fascínio por atividade física/esporte surgisse.

À minha querida e eterna bisavó, que em todas as conversas prestava zelo e atenção para com meus estudos.

À Gabriela Sanz, que acompanhou metade da minha jornada em diante e foi fundamental em elevar minha moral e autoestima, além de sempre querer o melhor para mim. Para você, um grande beijo!

Aos familiares, em geral, pelo apoio e carinho.

Aos meus amigos da graduação, que foram fundamentais em muitas etapas para alcançar a formação.

Ao meu orientador, na pessoa do Prof.^o Dr. Edson Castardelli, pela confiança depositada desde a aceitação, e que me auxiliou na elaboração deste tema e desenvolvimento dele.

Aos membros da banca examinadora, nas pessoas do Prof.^o Dr. Danilo Sales Bocalini e Prof.^o Dr. Ubirajara de Oliveira por aceitarem o convite e enriquecerem essa versão final.

Aos professores do CEFD – UFES por tanto conhecimento compartilhado, que fomentam meu aprendizado.

À centenas de amigos(as) *bodyboarders*, em especial à todos da Escola Ambiental de *Bodyboarding*, que fora fundamental no meu desenvolvimento pessoal e como atleta, além de ser um dos principais motivos para a escolha do tema.

Aos gestores e colaboradores do Clube R5 Sports, que me deram a oportunidade de crescimento profissional confiando no meu trabalho, e indiretamente fizeram o tema ser motivado à pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que fizeram parte dessa etapa decisiva da minha vida.

RESUMO

O *Bodyboard* é um esporte que surgiu na década de 70 originário de uma adaptação do surfe, e se popularizou na década de 80 em diante, sendo praticado no Brasil desde a mesma década de 70, e muito reconhecido no Espírito Santo, possuindo a primeira federação estadual do Brasil, no fim da década de 90. No desenvolvimento dessa pesquisa teve-se como objetivo compreender o *Bodyboard* como campo de atuação do profissional de Educação Física, considerando as adversidades existentes no meio natural de atuação e em maneiras de expansão da ocupação desses espaços públicos. Foi feita uma pesquisa desenvolvida nos moldes de pesquisa bibliográfica, a qual mostrou que apesar de muitos desafios, aos poucos se vem compreendendo as contribuições e a relevância do profissional de Educação Física no desenvolvimento do *Bodyboard* e de seus praticantes, e em como é possível tornar o profissional importante na modalidade mesmo sem que este pratique o esporte ou tenha essa necessidade, apresentando um longo caminho a ser percorrido tanto pelo interesse do profissional em explorar esse trabalho no esporte, e também com auxílio de políticas públicas para propagação do esporte em âmbito nacional.

Palavras-Chave: *Bodyboard*; Educação Física; Esportes aquáticos; Esportes de onda;

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 METODOLOGIA	13
3 O BODYBOARD NO ESPÍRITO SANTO.....	13
4 AS POLÍTICAS PUBLICAS E O BODYBOARD.....	15
5 A ATUAÇÃO DO PROFFSSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BODYBOARD E SEUS BENEFÍCIOS.....	18
6 POSSIBILIDADES DE ENSINO PARA O BODYBOARD	21
7 CONCLUSÃO.....	23
8 PERCEPÇÕES PESSOAIS	24
9 REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

Fato conhecido e propagado pelos mais remotos estudos, é que todo esporte está intrinsecamente associado a relação entre o homem e a natureza, tendo em sua maioria, berço nas civilizações gregas antigas, e com esportes aquáticos não se faz muito diferente.

De forma sintetizada, quando nos aprofundamos no contexto histórico de cada modalidade, perceberemos que se trata de uma busca incessante do homem em desafiar seus próprios medos e limites. (FERRY, 2009). Tal consideração se faz ainda mais pertinente quando nos voltamos para os esportes aquáticos, principalmente o surfe e também o *Bodyboard*.

Ferry (2009) enfatiza que o fascínio do homem com o mundo aquático pode estar relacionado à sua origem líquida, o que somado a essa busca pela superação dos próprios medos e limites, impulsiona o desejo de desbravar os mares, enfrentar as ondas em busca de prazer e realização pessoal. Também nessa esteira da superação dos medos e dos grandes desafios, a cada dia mais, os esportes denominados radicais vêm ganhando espaço na sociedade, sendo o *Bodyboard* um grande expoente nesse cenário.

Associado diretamente ao surfe, há de se destacar que o *Bodyboard* “[...] é um esporte extremamente radical, de onda grande, buraco, tubo, fundo de pedra etc. São condições que nenhum outro esporte consegue chegar perto” Rosa (2009, p.23, apud SCHEFFER, 2010, p.18). A própria definição que em sua tradução significa “prancha de corpo”, demonstra as especificidades que essa modalidade traz, onde o indivíduo desliza e faz manobras sobre as ondas utilizando uma pequena prancha, deitado ou de joelhos.

Sobre sua origem, Da Costa (2005) traz a mais aceita dentro do meio esportivo, de que na década de 70, um surfista americano cujo nome era Tom Morey, ao se ver em

apuros no mar, após um acidente que partiu sua prancha de surfe, utilizou-se da metade dela para chegar até a areia, descobrindo assim uma nova sensação ao surfar deitado. Tal experiência acidental, acabou por fazer com que esse mesmo surfista viesse a criar as primeiras pranchas de *Bodyboard*, denominada num primeiro momento de Morey Boogie, sendo batizada com o nome atual apenas no século XXI, onde sua prática ganha cada vez mais adeptos.

Atualmente, as pranchas de *Bodyboard* possuem entre 94 cm a 112 cm, sendo definida a ideal para cada praticante de acordo com sua altura e peso. Além disso, o(a) *Bodyboarder* (como são chamados os/as praticantes da modalidade) utilizam nadadeiras nos pés para conseguirem impulsão sobre as ondas. Para aqueles que não se atentam a esses detalhes, pois veem apenas como uma opção de lazer, importante enfatizar que a prancha ideal deve chegar ao umbigo do praticante (DA COSTA, 2005).

Além disso, alguns surfistas e *Bodyboarders* utilizam roupas de Neoprene para proteção contra o frio, e conseqüentemente maior rendimento no mar. De Lucas (2000, apud SANTOS et. al, 2011) afirma que o traje de neoprene começou a ser utilizado a partir do exemplo dos surfistas e mergulhadores que desejavam minimizar os problemas térmicos de perda de calor corporal - o risco de hipotermia.

A sensação de descer ondas de peito, impulsionada pela visibilidade maior da mídia, vai ganhando cada vez mais adeptos pelo mundo, sendo seu precursor no Brasil, Marcos Cal Kung, que trouxe a primeira prancha para o país ainda nos anos 70 (DA COSTA, 2005).

Tendo o Brasil uma das maiores costas marítimas do mundo, não seria diferente a propagação desse esporte em nosso meio. Mesmo não dispondo num primeiro momento dos recursos necessários para aquisição do material propício para a prática, o que se percebe em terras brasileiras são adaptações com placas de madeiras, depois isopores e tudo mais que possa propiciar essa sensação de deslizar sobre as ondas, fazendo manobras de peito (SCHEFFER, 2010).

Aos poucos, o que surgiu como uma reação a um momento adverso no mar, passando a ser uma opção de lazer, ganha destaque enquanto modalidade esportiva,

organizando-se através de seus praticantes em associações, as quais passam a organizar as competições mundo afora, propagando ainda mais sua prática. Já em 1982 é organizado o primeiro campeonato mundial da modalidade, demonstrando assim sua rápida ascensão. Em sua primeira versão, sagrou-se campeão o havaiano Daniel Kaimi, criando-se posteriormente uma hegemonia na modalidade por Mike Stewart considerado carinhosamente o “Pelé do *Bodyboard*”, detentor de 09 (nove) títulos do circuito mundial Rique (2008, p.4, apud SCHEFFER, 2010, p.28).

Enquanto modalidade esportiva, o *Bodyboard*, divide-se nos seguintes níveis e classificações, as quais são utilizadas conforme o campeonato, seja no âmbito nacional, estadual ou até mesmo competições regionais, sendo: iniciante, sub-10, sub-12, sub-14, sub-16, sub-18, Sênior, Master, Grand Master, Legend, Grand Legend, Open, Drop Knee, Pro Junior e Profissional. Essas categorias são divididas nos campeonatos de acordo com idade e nível de experiência do competidor. (Confederação Brasileira de *Bodyboarding*).

Retornando ao contexto brasileiro, e talvez explicando essa ascensão do esporte no país, nesse contexto de hegemonia de Stewart, surge alguém para confrontá-lo, Guilherme Tâmega. Detentor de 06 (seis) títulos mundiais da modalidade, o brasileiro tornou-se uma lenda da modalidade, e grande inspiração para muitos adeptos do *Bodyboard*.

Também nesse contexto, destaca-se o *Bodyboard* feminino brasileiro, onde a capixaba Neymara Carvalho sagrou-se pentacampeã mundial, além de inúmeros outros títulos, sendo fonte de inspiração para muitos capixabas, o que gerou grande interesse pela modalidade, mesmo diante da escassez de investimento no país. O esporte é bastante difundido em terras capixabas, ganhando adeptos ao longo de todo o seu litoral, já que conta com ondulações marítimas costeiras que permitem a formação das ondas em praias com fundo de areia ou até mesmo em mar aberto (fundo de coral), as quais são propícias para sua prática.

A representatividade do *Bodyboard* capixaba se dá de tal maneira, que o Estado possui a federação mais antiga do Brasil, fundada em 04/01/1999, a FEBBES (Federação de *Bodyboarding* do Espírito Santo).

Aos poucos, a modalidade vem galgando espaço dentro da sociedade capixaba, conforme noticiado nos muitos canais de mídia existentes. São criadas leis de incentivo ao esporte, de valorização da mulher dentro da modalidade, dentre outros aspectos, além é claro, do investimento em competições de nível nacional e internacional, as quais recebem muito prestígios dos atletas e do público. Importante também destacar, que assim como nos primórdios dos tempos, essa relação do esporte com a natureza tende a despertar no ser humano uma consciência ambiental mais aguçada.

A prática do *Bodyboard* depende de condições marítimas adequadas, sendo assim, a preservação do meio ambiente se faz indispensável. Tais considerações apontam para importância que essa modalidade tem no processo de conscientização da sociedade para a não poluição dos mares, a destruição de ecossistemas e outras ações que podem interferir diretamente nas condições adequadas para a sua prática.

O *Bodyboarding* é um esporte que está intimamente ligado a prática em praias, na maioria das vezes urbanas. Por haver um contato direto com a natureza através do esporte, facilita um olhar mais sensível diante da poluição e das mudanças nos ambientes costeiros, onde a prática do *Bodyboarding* ou outros tipos de esportes aquáticos coloca os indivíduos próximo à natureza (TORRES, R. 2019).

Também se aponta, que sendo o *Bodyboard* uma modalidade esportiva, não dissocia-se sua prática da Educação Física. Essa é uma modalidade que pode ser considerada um desporto moderno e radical, que exige de seus praticantes muito esforços e um bom condicionamento físico, o que remete para a importância da presença do profissional de Educação Física nesse contexto, especialmente, quando se volta ao alto rendimento.

Ainda nesse contexto, Mello (1999, *apud* BONET, 2002) destaca que o *Bodyboard*, exige de seus praticantes, condições de saúde adequadas, tanto no aspecto físico quanto mental, o que remete também à exigência de um bom preparo físico, e claro, muita técnica e habilidade, pois trata-se de um esporte onde a associação de força, velocidade e potência, incidirão sobre os resultados obtidos.

Sob essa concepção, não se ignora o fato de que o(a) praticante de *Bodyboard*, seja ele(a) atleta profissional ou amador, precisa ter o discernimento de que necessitará

de resistência muscular adequada, e outras capacidades que devem ser trabalhadas sob orientação de um profissional, sendo o da área da Educação Física, essencial nesse cenário. Um profissional consciente de seu papel investigativo, conseguirá conciliar todo seu processo formativo na busca de melhores técnicas e habilidade que direcionarão o(a) praticante a um melhor rendimento.

Assim como a grande maioria dos esportes denominados radicais, o que se percebe é uma prevalência da preferência por orientações de praticantes, os quais, apesar de serem bons atletas, não dominam os conhecimentos necessários para a devida orientação no processo de realização de atividades/exercícios físicos (BANDEIRA; RIBEIRO, 2015).

Contudo, observa-se também que assim como em outras modalidades, muitos de seus praticantes ao buscarem uma formação acadêmica, acabam escolhendo a área da Educação Física, já que historicamente há uma associação dessa área com os esportes. Nesse contexto, sendo praticante dessa modalidade e acadêmico de Educação Física, surgiu a oportunidade de abordar sobre esse tema, numa busca de promover um debate sobre a importância do profissional nessa área de atuação e de entender alguns desafios a serem enfrentados.

Mesmo o Brasil sendo uma potência no *Bodyboard*, o que se presencia é uma desvalorização da modalidade no país, assim como de muitos outros esportes. Tal desvalorização, dita sua prática, salvo exceções de grande amadorismo, o que acaba sendo uma grande barreira para que este seja um campo de atuação dos profissionais de Educação Física, seja pela falta de incentivo, e, seja pelo desconhecimento de sua importância junto à modalidade.

Compreender de que forma o Profissional de Educação Física pode contribuir no desenvolvimento da modalidade e no rendimento de seus praticantes pode ser o caminho para que sua participação seja cada vez mais aceita e reconhecida. O *Bodyboard* se configura como um mar de possibilidades, tendo que o profissional compreender sua relevância e buscar ocupar esses espaços, o que se dá através de uma formação adequada e conhecimentos específicos.

Este trabalho justifica-se no qual apesar de ser esporte com grandes atletas no contexto da sociedade capixaba, sendo potências mundiais em suas categorias, o que

se percebe ainda é um grande desconhecimento acerca do *Bodyboard* e, principalmente, da importância da atuação dos profissionais de Educação Física em seu desenvolvimento.

Assim, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, a partir de periódicos sobre o tema, e obras já publicadas, que teve como objetivo compreender o *Bodyboard* como campo de atuação do profissional de Educação Física, considerando as adversidades existentes no meio natural de atuação e em maneiras de expansão da ocupação desses espaços públicos.

2 METODOLOGIA

Para realização do estudo sobre como é a relação do profissional de Educação com o *Bodyboard* utilizou-se o referencial da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, que compreende o ato de questionamento e busca por informações relevantes sobre determinado assunto. Na literatura, esse referencial pode ser compreendido de maneira que

[...] Ao apresentar a metodologia que compõe determinada pesquisa, busca-se apresentar o "caminho do pensamento" e a "prática exercida" na apreensão da realidade, e que se encontram intrinsecamente constituídos pela visão social de mundo veiculada pela teoria da qual o pesquisador se vale. No caso da pesquisa bibliográfica, a leitura apresenta-se como a principal técnica, pois é através dela que se pode identificar as informações e os dados contidos no material selecionado (MIOTO et al, 2007, p.3)

A pesquisa baseou-se em consultas através de livros, artigos científicos, revistas e sítios eletrônicos acerca do tema, incluindo confederação e federação do esporte. Os bancos de dados consultados foram Academia, Google Scholar, Scielo e Scribd. Foram utilizados os seguintes descritores: *Bodyboard*, *esportes aquáticos*, *esportes de onda*, *Educação Física*. O período de pesquisa foi entre 2000 a 2023. Esse recorte temporal deve-se ao fato de que os estudos sobre o tema são recentes, havendo muito o que se discutir acerca de seu desenvolvimento.

3 O BODYBOARD NO ESPÍRITO SANTO

O processo de organização do *Bodyboard* capixaba se dá de forma pioneira na sociedade brasileira. Além de contar com grandes nomes do esporte na modalidade, conforme já destacado nessa pesquisa, a FEBBES (Federação de *Bodyboarding* do Espírito Santo), foi a primeira a ser criada no país, isso no ano de 1999, tal iniciativa é fruto do interesse cada vez maior dos capixabas pela modalidade.

Ressalta-se que sua prática se inicia no início dos anos 90 (noventa), o que aponta para uma longa trajetória até as primeiras conquistas de seus praticantes. Registra-se que as primeiras escolinhas de *Bodyboarding* surgiram de modo voluntário, com alguns praticantes a fim de ensinar a prática do esporte (desde os princípios até as manobras mais complexas) para o público que tivesse interesse em aprender. Nunca houve critério de padrão corporal para conseguir praticar, o que faz o esporte ser praticado tanto por crianças até aos mais idosos.

Com o surgimento da FEBBES, o esporte começa a se organizar em solo capixaba. As competições começam a se organizar e ganhar uma padronização, sendo que na atualidade, desponta como as melhores do país, o que tem servido para impulsionar ainda mais o esporte pelo extenso litoral capixaba.

Banhado por toda a sua Costa, o Estado do Espírito Santo possui diversas praias com excelentes condições climáticas para a prática do *Bodyboard*, tanto com fundos de areia, ou quando necessário, em alto-mar com o “fundo de pedra”, que na verdade, é nome dado pelos surfistas aos corais onde as ondas se formam sobre eles. Importante destacar, que apesar de ser comum as competições ocorrerem próximo a praia, no ES, alguns campeonatos já foram realizados em alto-mar, contando é claro, com todo o aparato necessário para a segurança dos atletas (FEBBES, 2014).

Apesar de contar com nomes do esporte como o *Bodyboarder* profissional Lucas Nogueira (8x campeão capixaba e campeão mundial ISA Games) e Neymara Carvalho na categoria feminina (5x campeã mundial e 10x campeã brasileira) sendo dois dos principais nomes da modalidade do país e do mundo, ressalta-se que a modalidade ainda engatinha na busca pelo reconhecimento e apoio necessário.

Ao contrário do futebol, assim como outras modalidades, o *Bodyboard* não conta com o mesmo apoio da mídia, o que acaba afastando maiores investidores, que são de

suma importância para o desenvolvimento do esporte Rezende (2006, p.8 apud SCHEFFER, 2010 p.29).

É nesse contexto, que atletas e federação vêm buscando dia a dia dar mais destaque ao desporto, de modo a subir mais alguns degraus em seu processo de organização e legitimação enquanto modalidade esportiva.

Importante destacar que a FEBBES tem mantido calendários regulares de competições dentro do Estado, sendo referência em nível nacional, bem como, tem buscado firmar parcerias e convênios junto a órgãos públicos e iniciativa privada, no sentido de garantir maiores investimentos na modalidade, o que tem servido para manter o Espírito Santo no topo, com muitos nomes que continuam figurando entre os principais competidores nacionais e internacionais.

Além de manter o Circuito Capixaba de *Bodyboarding* com alto nível em diversas categorias como: Profissional Masculino, Profissional Feminino, Open Masculino, Open Feminino, Master, Sub-18 e Sub-16, a Federação ainda busca sediar etapas do circuito brasileiro, além de promover outras competições e campeonatos. Destaca-se também, que o Estado já fora palco de etapas do circuito mundial (FEBBES, 2023).

Todo esse esforço é revertido em resultados. O investimento em categorias de base faz com que tenhamos nomes fortes dentro da modalidade, e mesmo que o *Bodyboarding* ainda não tenha reconhecimento dentro do país, é importante destacar que assim como no futebol, quando se refere a esse desporto, somos lembrados de imediato, e lembrados como “[...] sinônimo de vitória, consagração, história sólida, supremacia, tradição, respeito, escola, humildade, dedicação e muito mais Piza (2009, p.42, apud SCHEFFER, 2010, p. 29).

Contudo, conforme já mencionado, apesar de todo o esforço os investimentos na modalidade não chegam nem perto do necessário. A elaboração de políticas públicas voltadas ao esporte para além do futebol é uma urgência. Não basta apenas conceder prêmios como melhor atleta do ano, se não houver investimento, o futuro é cada vez mais incerto.

4 AS POLÍTICAS PÚBLICAS E O BODYBOARD

Apesar de sermos um país multicampeão no *Bodyboard*, tanto no gênero masculino como no feminino, o que podemos perceber e já fora apontado nessa pesquisa anteriormente, este é um esporte que assim como tantos outros não recebe a devida atenção por parte do poder público.

Considera-se a necessidade de investir em políticas públicas voltadas para o esporte de um modo geral, o que propiciará condições para que os esportes possam se desenvolver, trazendo todos os benefícios que tais práticas traduzem para a sociedade. Neste sentido, considera-se como política pública o espaço de tomada de decisões autorizada ou sancionada por intermédio de atores governamentais, compreendendo atos que viabilizam agendas de inovação em políticas ou que respondem a demandas de grupos de interesse (COSTA, 1998, p.7).

Importante ainda destacar que “[...] é mediante as políticas públicas que são distribuídos ou redistribuídos bens e serviços sociais, em resposta às demandas da sociedade. Por isso, o direito que as fundamenta é um direito coletivo e não individual” (CUNHA; CUNHA, 2002, p. 12).

Assim, sendo o esporte um direito fundamental ao ser humano, não cabe haver distinção entre uma modalidade ou outra, o que na sociedade brasileira soa até utópico. Indiscutivelmente, a grande maioria das modalidades esportivas não dispõem do mesmo apoio junto ao Poder Público, onde se encaixa também o *Bodyboard*. É preciso entender o papel que a mídia possui no cenário esportivo, pois muitos esportes deixam de ter investimentos por falta de retorno midiático, o que torna a visibilidade e propagação do esporte ainda mais inacessível.

Importante salientar, que não se pontua aqui à cobrança de investimentos exclusivos na modalidade, mas iniciativas por parte do Poder Público para que todos possam ter acesso ao esporte, seja a modalidade escolhida por ele. A Democratização do acesso ao esporte precisa ser uma realidade para todos, não podendo haver distinção e priorização de uma modalidade pela outra.

Conforme destacado, não se tem uma política exclusiva voltada ao *Bodyboard*, mas alguns programas e projetos existentes podem e devem ser acessados pelos seus praticantes e propagadores, como o caso do Programa Segundo Tempo, do Governo Federal. Trata-se de um programa criado pela Secretaria Especial do Esporte em

2021 que visa democratizar o acesso ao esporte educacional, agindo assim no desenvolvimento integral do público atendido (crianças e adolescentes).

Reconhece-se que tal iniciativa é fator preponderante para a formação da cidadania e, conseqüentemente, da qualidade de vida, especialmente, daqueles que se encontram em áreas de vulnerabilidade social (BRASIL, 2021).

Sabedores desses programas, cabe aos profissionais envolvidos saberem lançar mãos deles. Se antes e até mesmo agora, as escolinhas eram iniciativas voluntárias, por que não, em cidades litorâneas, desenvolver projetos como escolinhas de *Bodyboard* através desse Programa. Se não há políticas próprias, é necessário que se saiba utilizar os mecanismos existentes. A estruturação de projetos de disseminação da modalidade se dá através da apropriação desses programas e projetos existentes.

Também criado desde o ano de 2005 pelo Governo Federal, temos um dos maiores programas de incentivo ao esporte, que é o Bolsa Atleta. Importante destacar que foi criado no sentido de incentivar o esporte olímpico, mas que aos poucos vai ganhando novas proporções. Trata-se de um mecanismo que precisa e deve ser ampliado, no sentido de beneficiar atores em potencial das mais variadas modalidades esportivas.

Iniciativas no âmbito municipal e estadual também se fazem essenciais. Mesmo que poucas, aos poucos vamos percebendo algumas ações voltadas para a modalidade, através do incentivo de ações da iniciativa privada, dando apoio e condições para que os amantes do desporto possam desenvolver algum trabalho.

Porém, o que presenciamos ainda é um grande descaso de nossos governantes em relação à importância que o esporte tem no desenvolvimento do sujeito e da sociedade. Os investimentos em políticas públicas voltadas para essa área estão muito aquém do necessário.

Assim, enfatiza-se novamente a necessidade de termos profissionais habilitados e capacitados nesse contexto, pois poderão assim, desenvolver projetos que venham de encontro com os anseios de seus praticantes, ao mesmo tempo em que provoquem junto ao poder público, a consciência da necessidade de se investir em todas as modalidades, o que se faz possível, mostrando os benefícios que o desporto traz para seus praticantes e da sociedade num todo.

5 A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO BODYBOARD E SEUS BENEFÍCIOS

A cada dia mais, surge indagações dentro do contexto acadêmico da importância dos profissionais da Educação Física no contexto dos denominados esportes radicais, os quais em sua maioria configuram como Atividades Físicas de Aventura na Natureza – (AFAN), podendo ser citados: escalada, rapel, canoa havaiana, caiaque, mountain bike, mergulho, vela, surf, *bodyboard*, etc.

Essas atividades consistem em utilizar recursos e energias da Natureza, mantendo sobre controle os riscos em busca de aventuras (BETRÁN, 1996 *apud* SILVA; MARCELOS, 2019). Vale destacar que muitas dessas atividades passam a configurar como desportos, e aos poucos vai ganhando cada vez mais adeptos e se organizando de tal maneira que de fato constituem em campos legítimos de atuação dos profissionais da Educação Física.

Partindo do pressuposto de que toda formação é continuada, há de se discernir de que ao adentrar nesse campo de atuação, os profissionais também adquirem novos saberes que podem ser incorporados em seu dia a dia profissional.

Assim, sua regulamentação enquanto campo de atuação se faz essencial para que haja um direcionamento acerca do processo de orientação, quais formações se fazem necessárias para que assim possam contribuir de fato com o desenvolvimento da modalidade e seus praticantes (BANDEIRA; RIBEIRO, 2015).

Por outro lado, reconhece-se que historicamente a profissão está entrelaçada ao esporte, o que faz com muitos instrutores que venham para essa área possuam formação em Educação Física, ou justamente o contrário, seus praticantes se tornam profissionais da área, associando conteúdos há uma prática que já faz parte de seu cotidiano.

O *Bodyboard*, tema de estudo nessa pesquisa é uma AFAN que vem ganhando grande visibilidade dentro da sociedade, com competições cada vez mais acirradas, exigindo comprometimento físico e mental de seus praticantes, o que justifica de forma

concreta, a necessidade de inserção dos profissionais de Educação Física em desenvolvimento e orientação.

O próprio Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) estabelece que esse processo de orientação das atividades físicas, seja elas em qualquer modalidade esportiva, onde também se destacam os esportes radicais, deve ser realizada pelos profissionais com formação na área, apesar de essa não ser a realidade. O que se observa, principalmente nesses casos, é prevalência por adeptos da modalidade, mesmo sem formação, em detrimento aos profissionais habilitados (BANDEIRA; RIBEIRO, 2015).

Tal cenário acaba se revertendo um pouco, quando se sai do amadorismo para o lado profissional. Diante de um quadro de exigência maior, é perceptível a busca por orientação especializada, já que nesse caso, o *Bodyboard* deixa de ser uma opção de lazer de simplesmente brincar sobre as ondas. Mesmo que num primeiro momento, esta modalidade seja encarada como uma brincadeira, um esporte de aventura sem muitos objetivos pelo praticante, há de se ter o discernimento de que se trata de um esporte que exige muito de seus adeptos.

A exemplo do surfe, que recentemente tornou-se esporte olímpico, torna-se visível a preparação dos atletas profissionais nas competições, pois o amadorismo cada vez mais perde lugar para o profissionalismo que abrange a estrutura e organização desses eventos, e isso deve-se ao preparo cada vez mais intenso dos atletas. Atletas profissionais do surfe brasileiro ranqueados pela ABRASP, apresentam uma frequência de treinamento em média de 4,5 horas por dia, abrangendo tanto a parte tática, técnica e física (ROPERO e AFONSO, 2006 *apud* AFONSO, 2011)

Para o desenvolvimento do *Bodyboard* são exigidas habilidades (velocidade, equilíbrio, coordenação, força, flexibilidade e outras) e, principalmente, grande aptidão física e um bom quadro de saúde. Cohen e Abdalla (2003) associam esse reconhecimento da importância de profissionais capacitados nessa área, ao processo de profissionalização e reconhecimento do desporto, onde seus praticantes deixaram de ser apontados como sujeitos desocupados, assumindo papéis de atletas.

Sem dúvidas o reconhecimento de que essas atividades se constituem em modalidades esportivas abre caminho para que elas se tornem um campo de atuação

do profissional de Educação Física, já que conforme apontado anteriormente, há essa associação da Educação Física aos esportes.

O Conselho Federal da profissão – CONFEF (2000) define as competências e especialidades dos profissionais de Educação Física. Segundo o órgão:

O Profissional de Educação Física é especialista em atividades físicas, nas suas diversas manifestações - ginásticas, exercícios físicos, desportos, jogos, lutas, capoeira, artes marciais, danças, atividades rítmicas, expressivas e acrobáticas, musculação, lazer, recreação, reabilitação, ergonomia, relaxamento corporal, ioga, exercícios compensatórios à atividade laboral e do cotidiano e outras práticas corporais, sendo da sua competência prestar serviços que favoreçam o desenvolvimento da educação e da saúde, contribuindo para a capacitação e/ou restabelecimento de níveis adequados de desempenho e condicionamento fisiocorporal dos seus beneficiários, visando à consecução do bem-estar e da qualidade de vida, da consciência, da expressão e estética do movimento, da prevenção de doenças, de acidentes, de problemas posturais, da compensação de distúrbios funcionais, contribuindo ainda, para consecução da autonomia, da autoestima, da cooperação, da solidariedade, da integração, da cidadania, das relações sociais e a preservação do meio ambiente, observados os preceitos de responsabilidade, segurança, qualidade técnica e ética no atendimento individual e coletivo (CONFEF, 2000, p. 26).

Diante do que aponta o CONFEF, é perceptível que o profissional de Educação Física tem grande relevância no desenvolvimento do *Bodyboard*, assim como, de todas outras modalidades esportivas, ou simplesmente, na prática de qualquer exercício/atividade física.

Esse é o profissional que identifica as potencialidades, que trabalha os limites e desenvolvem as habilidades necessárias para que o processo de formação de um atleta ocorra. É ele também o profissional habilitado a trabalhar aptidões e condicionamento físico, sendo assim, essencial para a promoção da saúde e bem-estar do indivíduo.

Sob as especialidades apontadas, já se identifica que o profissional de Educação Física tem muito a contribuir com essa modalidade. Caberá a ele saber orientar a

dosagem certa de cada exercício, buscar as técnicas necessárias para um bom rendimento, e claro, trabalhar todo o processo de recuperação física.

Em específico, o treinamento de *Bodyboard* se reveste de inúmeras especificidades que apontam ainda mais para relevância desse profissional em seu processo de orientação. Sem dúvidas, trata-se de uma modalidade que requer em seus treinamentos muito exercícios de força muscular, de explosão, resistência e muito alongamento (AOTO, 2002).

Desbravar as ondas, buscar as melhores manobras requerem do praticante muita força para vencer a resistência da água, o que implica um bom trabalho de musculação, o qual precisa e requer orientação profissional qualificada. Assim, conhecer o corpo, as articulações mais utilizadas, os músculos que se exigem mais são essenciais nesse contexto, mas não somente, é preciso que haja uma metodologia de ensino para esse esporte, o que é atribuído ao profissional enquanto formação acadêmica.

Conforme apontado, a Educação Física tem muito a contribuir com a modalidade, trazendo fatores e contribuições que extrapolam a simples vontade de surfar ondas em pranchas de *Bodyboard*, como o conhecimento do sujeito sobre seu próprio corpo, suas limitações e como trabalhá-las, para que o resultado esperado seja alcançado.

Assim, torna-se indiscutível que o *Bodyboard* é um campo de atuação do profissional de Educação Física, restando a ele ir galgando esse espaço, através de um trabalho bem estruturado e dinâmico.

6 POSSIBILIDADES DE ENSINO PARA O BODYBOARD

Nos últimos anos, os estudos sobre o ensino investigam o pensamento do professor, com o objetivo de compreender os processos mentais que contribuem para a construção do conhecimento profissional docente. Nessa linha de pesquisa, o professor é considerado um sujeito reflexivo que elabora crenças e rotinas de trabalho, úteis para os processos formais de formação profissional (CARTER, 1990; SHULMAN, 1987). Os mesmos estudos identificam como treinadores desportivos obtém sucesso em suas carreiras e em contrapartida criticam a falta de programa formal para atendimento de anseios pedagógicos do professor.

Para melhor compreender a prática do *Bodyboard*, é necessário que o praticante saiba não somente o ato de surfar, e sim como as condições do meio natural proporcionam um melhor desempenho. Dessa maneira, entender como as ondulações se formam (origem e direção), a influência do agrupamento das ondas (séries) e o intervalo entre as séries (período) na produção de energia de propulsão; a participação dos ventos na geração desses fenômenos; o tipo de fundo ou solo do mar na determinação do local de formação e arrebentação das ondas e de seu tamanho; as partes ou estruturas das ondas (espuma, crista, base, parede, sentido da arrebentação, zona de impacto, altura da onda e outros), assim como o comportamento das correntes marítimas (correntes de retorno ou canais) estão relacionadas ao saber do praticante.

Com relação aos movimentos e técnicas do *Bodyboard*, cabe ao profissional de Educação Física elaborar um plano pedagógico de ensino, de forma que didática para que o praticante compreenda e consiga aprimorar com êxito seus ensinamentos, de acordo com cada público, e se possível, de maneira individual. A instrução é útil para acrescentar qualidade às situações de aprendizagem.

É imprescindível que o profissional de Educação Física consiga discernir as características dos praticantes, em como eles aprendem, o que eles possuem de conhecimento, e como os sinais e manifestações deles podem ser importantes para que o professor tenha uma concepção pessoal de cada um e assim, conjugar suas experiências profissionais, pessoais e teóricas. Assim sendo, facilita identificar o que motiva o praticante, e como o erro com a correção orientada pode ajudá-lo a melhorar.

O treinador deve possuir um repertório de conhecimentos de natureza prática, tácito, do tipo processual. Também deve orientar-se para uma proposta de ensino que seja de cunho conceitual, procedimental e atitudinal. Na prática docente, não existem meios de dividir os conteúdos na dimensão conceitual, atitudinal e procedimental, embora seja possível algumas ênfases em determinadas dimensões. Por exemplo, o professor solicita aos alunos para realizarem o aquecimento no início de uma aula, enquanto esses movimentos são executados, o professor explica-lhes qual é a importância desses, o objetivo do aquecimento, quais grupos musculares estão sendo exigidos, entre outras informações. Dessa maneira, tanto a dimensão procedimental, como a conceitual são envolvidas na atividade (Darido, 2012 apud CHAGAS, 2017).

A forma como são realizadas as atividades/exercícios físicos, a postura, a sequência e outros fatores são essenciais para que a sua prática não acarrete problemas à sua saúde. Assim, somente com o conhecimento técnico, pedagógico e formação adequada é possível orientar e acompanhar os indivíduos que buscam nessa prática as respostas para suas necessidades de saúde e estética.

O profissional em contato com o indivíduo poderá fazer a devida avaliação física, para assim, conhecendo suas condições físicas, direcionar as atividades adequadas a serem realizadas por ele, de forma que os objetivos possam ser alcançados de forma menos dolorosa e sem efeitos colaterais, se tornando uma prática constante, que não atenda apenas os anseios estéticos, mas que incida diretamente em sua qualidade de vida.

Por isso, uma vez inserido nesses espaços, é necessário se atentar para algumas características essenciais do Profissional de Educação Física, pois ele “[...] deve ser criativo, comunicativo, solícito, prestativo, inspirar confiança a respeito de seus procedimentos, se relacionar bem com os alunos, chamá-los pelos nomes, se preocupar quando faltam, se manter atualizado e informado entre tantas outras”. (FREITAS, 2013, p.17).

Não basta apenas conhecer a modalidade, é preciso se aprofundar e entender de fato o modo em que os seus conhecimentos podem contribuir para o seu desenvolvimento. Cabe ao profissional, manter-se atualizado e saber extrair de seu cotidiano profissional, informações e conhecimentos que venham a somar com o trabalho realizado.

7 CONCLUSÃO

Apesar de ainda ser um desafio, conforme aponta a pesquisa, o *Bodyboard* é um campo de atuação dos profissionais de Educação Física que precisa e deve ser ocupado.

A preferência por orientadores e treinadores que venham diretamente de praticantes da modalidade não pode e nem deve ser um obstáculo para que o trabalho possa ser desenvolvido. Assim como em toda as modalidades esportivas, há de ser ter o

discernimento das competências de cada área, restando aos profissionais de Educação Física lançar mãos de seus conhecimentos e mostrar que sua contribuição no desenvolvimento da modalidade e na formação de atletas é essencial.

Para isso, mais do que nunca, o processo de formação adequado é essencial, mas, mais que isso, a busca por uma qualificação continuada é fator preponderante para que os profissionais inseridos nesses espaços desenvolvam um bom trabalho, abrindo espaços para novos atores.

É interessante a discussão sobre a inclusão dessas práticas no processo de formação acadêmica, considerando o Surfe e o *Bodyboard* como esportes da natureza, para que o conhecimento e desenvolvimento do profissional junto a essas práticas sejam tão importantes quanto as demais disciplinas que a grade curricular possui tanto como disciplina optativa, quanto obrigatória.

Por fim, mas não menos importante, é possível identificar no estudo que a falta de investimento em políticas públicas voltadas para a modalidade também é um grande desafio, o que justifica a importância de que mais debates sejam realizados no sentido de democratizar ainda mais o acesso ao *Bodyboard* em cenário nacional, visto que o Brasil possui uma faixa litorânea com mais de 7.400 (sete mil e quatrocentos) quilômetros e praias com características fundamentais para o desenvolvimento do esporte em cada estado.

8 PERCEPÇÕES PESSOAIS

Conheci o esporte, de maneira superficial, ainda quando criança. Acreditava que deslizar sobre as ondas apenas com uma prancha feita de isopor era o que proporcionava aquele esporte, sequer tinha conhecimento de seus equipamentos necessários e/ou competições. Em 2012, com 14 anos de idade, comecei a criar amizades que já praticavam o esporte, e assim fui aos poucos sendo influenciado por eles a ir para a praia assisti-los e até me arriscar na água.

Ao passar do tempo, aquilo se tornara meu lazer favorito, e então consegui comprar minha primeira nadadeira (usada), enquanto a prancha era emprestada por um tio da família. Aos poucos no mar fui aprendendo sozinho as manobras consideradas básicas (360° e *el rollo*) por grau de dificuldade e exigência. Arriscava essas manobras

e me lembro perfeitamente o quanto era difícil (as vezes me machucava quando não as completava corretamente).

Cerca de 90% dos meus finais de semana de 2012 a 2015 foram dedicados exclusivamente ao *Bodyboard*, inclusive faltava algumas aulas de pré-vestibular quando o mar estava em perfeitas condições. Comecei a competir em 2013, quando finalmente me senti preparado e evoluído de acordo com a minha categoria. O primeiro campeonato foi o “*Desafio Amador de Bodyboarding*” realizado na Praia do Morro, Guarapari-ES. Competi na categoria “estreadante” e me consagrei campeão, desde então continuei a competir os diversos campeonatos estaduais e interestaduais que houveram. Fui vice-campeão estadual geral no ano de 2013 e 2014, conforme somatório das diversas etapas que houveram durante os anos.

Em 2015, com 17 anos, consegui meu primeiro emprego, e como trabalhava aos finais de semana, mal havia tempo para treinar no mar. Minha última competição foi no ano de 2016, em uma das etapas do circuito estadual que participei na categoria sub-18, pois em 2017 fui aluno do NPOR do Exército Brasileiro e não conseguia praticar o esporte por falta de tempo. Em 2018 e 2019, atuei de forma voluntária na Escola Ambiental de Bodyboard (EAB), onde fui aluno de 2013 a 2016. A EAB era uma organização de praticantes e não praticantes que estavam dispostos, de maneira voluntária, a ensinar o esporte e a conscientização ambiental através dele, em como o meio natural influencia diretamente na formação das ondas e seus agravantes.

Com toda essa experiência no esporte, escolher a Educação Física como opção de curso na graduação foi fundamental para a evolução do meu conhecimento, pois não basta apenas ser praticante e ensinar através da experiência, o curso conseguiu fomentar conhecimentos pedagógicos e técnicas de ensino-aprendizagem para que eu pudesse lidar com diversos públicos de maneiras diferentes e com presteza na inclusão social.

Sou grato ao curso que fiz, pelo esporte em minha vida, e dizer que é apenas o início de um projeto de expansão e profissionalismo do esporte não apenas no Espírito Santo, bem como no âmbito nacional. Dissertar sobre o tema traz à tona a importância e valorização que esse esporte merece ter ainda mais.

9 REFERÊNCIAS

AFONSO, Leandro. **Cronotipagem de surfistas profissionais brasileiros**. Rev. Ibirapuera, São Paulo, n. 1, p. 62-68, jan./jun. 2011

AOTO, F. G.. **Análise do perfil dos atletas brasileiros que disputam o circuito profissional de bodyboarding, 2002**. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - PUC-PR, Curitiba.

BANDEIRA, M. M.; RIBEIRO, O. C. F. (2015). **Sobre os profissionais da aventura: problemas da atuação na interface esporte e turismo**. Licere, 18 (3),116-157.

BONET, Camila. **A Influência do Alongamento na Prática do bodyboarding**.2002. Disponível em:
<<https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/62555/CAMILA%20BONET.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 Jan 2023.

BRASIL. **Bolsa Atleta. 2006**. Disponível em: <<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-atleta>>. Acesso em: 12 Jan 2023.

BRASIL. **Diretrizes do Programa Segundo Tempo 2021**. Secretaria Especial do Esporte. Disponível em:
<<https://www.mds.gov.br/webarquivos/cidadania/Esporte/Programa%20Segundo%20Tempo/Diretrizes%20PST%20-%20Padr%C3%A3o%202021.pdf>>. Acesso em: 12 Jan 2023.

CARTER, K. Teachers' knowledge and learning to teach. In: HOUSTON, W. R. (Org.). **Handbook of Research on Teacher Education**. New York: Macmillan, 1990. p. 291-310.

CHAGAS, L. **O Surfe como tema da Educação Física escolar em escolas públicas de Florianópolis/SC, 2017**. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – UFSC, Florianópolis.

COHEN, M.; ABDALLA, R. J. **Lesões nos esportes – Diagnóstico, prevenção e tratamento**. São Paulo: Revinter, 2003.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BODYBOARDING, 2009, **Circuito Mundial de Bodyboarding e campeões**, Flávio Brito, 2009.

CONFED. **Carta Brasileira de Educação Física**. Rio de Janeiro. 2000.

COSTA, N. do R. **Políticas públicas, justiça distributiva e inovação: saúde e saneamento na agenda social**. São Paulo: Hucitec, 1998.

CUNHA, E. da P.; CUNHA, E. S. M. **Políticas públicas sociais**. In: CARVALHO, A.; SALLES, F., GUIMARÃES M.; UDE, W. **Políticas públicas. (org.) Belo Horizonte: UFMG; PROEX, 2002. p. 11-26**.

DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro. Shape.2005.

FEDERAÇÃO DE BODYBOARDING DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO – FEBBES. **Calendário e Histórico do BB Capixaba**. Disponível em: <http://www.febbees.com.br/p/calendario-2018.html>. Acesso em: 12 Jan 2023.
FERRY, Luc Ferry. **A Sabedoria dos Mitos Gregos: Aprender e Viver II**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

FREITAS, W. D. F. **A importância do profissional de Educação Física na Orientação da musculação**. 2013, 38f. Monografia (Trabalho de conclusão de Curso de Educação Física) UNIFOR-MG. Formiga: MG. 2013. Disponível em: <http://bibliotecadigital.uniformg.edu.br:21015/jspui/bitstream/> Acesso em: 12 Jan 2023.

MIOTO, R.; LIMA, T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Revista Katalysis Florianópolis, v.10, p. 37-45. Set 2007.

SANTOS,K.; BENTO, P.; RODACKI, A. **Efeito do uso do traje de neoprene sobre variáveis técnicas, fisiológicas e perceptivas de nadadores**. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.25, n.2, p.189-95, abr./jun. 2011

SCHEFFER, F. **Um olhar sobre o bodyboarding a partir de uma revisão de literatura, 2010**. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - UFRGS-RS, Porto Alegre.

SILVA, Paula Cristina da Costa; MARCELOS, Lara Júlia Rodrigues. **O perfil dos profissionais que atuam com as Atividades Físicas de Aventura na Natureza na Região Metropolitana de Vitória/ES – Brasil**. Departamento de Ginástica, do Centro de Educação Física e Desportos, da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. CIAIQ, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/Downloads/2105-Texto%20Artigo-7653-1-10-20190624.pdf>. Acesso em:12 Jan 2023.

TORRES, R. **“Protetores da Restinga”:** projeto de educação ambiental no ensino fundamental desenvolvido pela escola ambiental de bodyboarding – Itaparica – ES. Programa de pós-graduação em educação em ciências e matemática. IFES-ES. Vitória: ES. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/1452/Dissertação_Ciências_Educação_Sustentabilidade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01/02/2023

RAFAEL GOULART PORTO

**O BODYBOARD COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Bacharelado em Educação Física, do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Aprovado em _____.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Edson Castardelli
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Danilo Sales Bocalini
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Ubirajara de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
UBIRAJARA DE OLIVEIRA - SIAPE 2340851
Departamento de Desportos - DD/CEFD
Em 16/02/2023 às 16:04

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/654147?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
DANILO SALES BOCALINI - SIAPE 2998807
Departamento de Desportos - DD/CEFD
Em 16/02/2023 às 16:08

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/654161?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
EDSON CASTARDELI - SIAPE 1719478
Departamento de Desportos - DD/CEFD
Em 17/02/2023 às 08:35

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/654548?tipoArquivo=O>